

## Educação e hábitos de linguagem: usos e abusos do “neutro”

notas de conferência no Colégio Luterano São Paulo (8 de outubro de 2019)

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo – notas de conferência para pais, professores e comunidade (daí, por vezes, o tom informal – no Colégio Luterano São Paulo (08-10-19) examina o neutro como base para o pensamento e a linguagem. E como esse poderoso recurso de linguagem/pensamento ocupa um lugar importante na Educação.

**Palavras-Chave:** Gênero neutro. Filosofia. Linguagem. Educação.

**Abstract:** The article examines in general terms the neuter gender as a basis for thinking and how the neuter gender, one of the most powerful tools of language/thinking system, plays an important role in Education.

**Key-words:** Neuter gender. Philosophy. Language. Education.

### Introdução: o subentendido da linguagem

A comunicação só é possível porque cada fala foca em um ponto e deixa uma imensa área subentendida: a massa *in-forme* da qual emerge uma *in-formação*, aquilo que se quer transmitir... E o resto não interessa, fica no limbo do indeterminado, do óbvio, que por ser evidente não precisa, não deve ser dito. Um exemplo jocoso: lembro-me, quando aluno do recém fundado Instituto de Matemática e Estatística da USP, um gaiato ia “complementando”, com explicitações lógico-formais, os cartazes afixados pelos funcionários. Assim, ao cartaz do banheiro que dizia: “Favor apagar a luz ao sair”, ele juntou com caneta hidrográfica: “se e somente se a luz estiver acesa”; “Favor dar a descarga”, “...se e somente se o vaso estiver sujo”. Etc.

Todos nós já ouvimos relatos advertindo que precisamente o nível de subentendido da linguagem é motivo de dificuldades de comunicação dos brasileiros em Portugal. Uma vez no Porto eu tinha que ir a um endereço e perguntei “brasileiramente” ao porteiro do hotel pela referência (famosíssima) que me tinham dado:

- Por favor, o senhor conhece a igreja da Cedofeita?
- [silêncio seguido da resposta:] Sim..., claro que conheço (??).
- [caiu-me a ficha] E poderia me informar como faço para chegar lá?
- Ah, sim, vire a segunda à esquerda...

Sabe-se lá o que querera esse hóspede ao perguntar se eu **conheço** a Cedofeita (quer a indicação de um guia turístico?, saber de meus hábitos religiosos?!?...)

E o mesmo num restaurante, querendo repetir a cerveja:

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

- Por favor, o senhor poderia me trazer outra cerveja?
- Sim, e qual há de ser?

Claro que a culpa foi minha ao empregar a equívoca palavra “outra” (diferente?) em vez de dizer: “mais uma destas”...

Eugenio, o saudoso humorista catalão, imortalizou-se ao explorar genialmente, em suas piadas, precisamente o impacto do subentendido:

- Dizem ao solteirão: – Por que você não se casa?
  - Para que casar? Eu tenho duas irmãs que cuidam de mim com todo o carinho, cozinham maravilhosamente, lavam, passam...
  - Sim, mas suas irmãs não lhe podem dar o que uma mulher pode dar?
  - E quem falou que são **minhas** irmãs?
- 
- Você viu a estatística: a cada duas horas, um motoqueiro é atropelado na cidade?
  - Nossa! Imagina como deve estar esse coitado...!
  - (o interlocutor não entende que, no caso, o “um” é neutro...)

A distinção entre o **um** determinado, masculino (*unus*) e o **um** neutro (*unum*), é essencial para a clássica Teologia da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo têm o mesmo único poder, eternidade etc. (*unum*), mas não são a mesma única pessoa (*unus*).

### **Pensamento que distingue e pensamento confundente**

Saber a medida certa da determinação de cada fala é uma arte: a arte do bem comunicar e até de gentileza com o interlocutor. O mesmo fato requer níveis de detalhamento distintos, apropriados a cada caso e seu contexto. Um é o nível de concretização da comunicação da esposa amorosa que liga para o marido que está chegando do trabalho e diz que ela acaba de pedir a pizza favorita dele: linguíça calabresa com fatias finas de cebola, azeitonas pretas e borda de catupiry; outro, muito mais restrito, o que ela deve dizer ao porteiro no interfone: “Samuel, daqui a pouco vai vir um motoboy com uma entrega, pode deixar subir” (seria puro *nonsense* detalhar...).

Do mesmo modo, temos que ensinar as crianças a não serem ingênuas ao, por exemplo, entregar detalhes ao atender um telefone e já ir dizendo (sem nem saber quem é que ligou): “A mamãe saiu, foi na academia, depois ela vai levar a vovó no médico, vai fazer a unha e meu pai está viajando, só volta depois de amanhã...”

O nível de detalhamento (ou melhor, de não detalhamento...) é o que estabelece o que tecnicamente se chama pensamento confundente e seu parente próximo, o neutro.

A linguagem se instala em algum nível de concretização (ou abstração): se eu digo “cachorro”, estou desconsiderando, abstraindo, características determinantes como: raça, cor, porte, temperamento etc. e considerando somente aquilo que todos os cachorros têm em comum. Claro que eu reduzo a determinação quando, em vez de cachorro, digo “Labrador retriever”, amarelo etc., até chegar ao individual “o Abóbora”, este cachorro concreto. Certamente, poderíamos aumentar o grau de indeterminação se em vez de “cachorro”, disséssemos “mamífero” ou “animal” etc.

Tão importante quanto o pensamento (/linguagem) que distingue é, como ensinam Ortega e Marías, o “pensamento confundente”. Sobre a importância deste,

Julián Marías, escrevendo em espanhol, gosta de exemplificar com a palavra “bicho”: os entomólogos distinguem centenas de milhares de insetos, mas se eu vejo um pousado em seu ombro, devo dizer somente que tem um **bicho** na sua camisa e seria totalmente descabido dizer que está um *Seilaqueófilo Fulanychus Qualqueribus* pousado em você... O confundente “bicho” é, neste caso, o mais adequado: “Xô, bicho, sai!”.

Por outro lado, há muitas situações nas quais o confundente (sempre confortável para quem fala) pode ser desconsideração para com o interlocutor, a quem foi sonogada valiosa informação precisa. O pai dá um *pause* no desenho da TV porque a criança avisa: “Tenho que ir ao banheiro!”. Essa formulação confundente é incômoda para quem espera: não custava nada especificar: “é o número 1” (já se sabe que serão dois minutos) ou “número 2” (que informa que a espera será por uma faixa de tempo mais longa e incerta...).

O pensamento confundente não ocorre só no interior de uma língua, mas comparativamente entre línguas diversas. Trata-se do fato de que algumas línguas concebem, conjuntamente, em uma única palavra, o que outros idiomas distinguem em várias outras. É um conceito relativo e – vale deixar claro – desprovido de juízo de valor “a priori”. Em termos abstratos, não é melhor ser confundente ou “distinguente”. Não há nenhuma carga pejorativa na denominação confundente.

Em geral, há uma tendência ao pensamento confundente nas línguas orientais, mas, no particular, ocorre a confusão/distinção, em todas as línguas da Babel em que vivemos. Por exemplo, ao legendar em português um filme em inglês, alguém tem que decidir se traduzirá *you* por *você* ou por *senhor*, uma vez que a língua inglesa usa o mesmo *you* tanto em uma conversa entre amiguinhos da creche, quanto para se dirigir a um venerável ancião.

O mesmo ocorreria na situação inversa: como legendar, em inglês, o termo confundente “*grande*”, do português? Ao dizer “*grande Uruguai!*”, provavelmente nenhum brasileiro está pensando no sentido físico de *big*, mas no de *great*, de grandiosas conquistas, que o falante aprova: “Grande Uruguai: desclassificou a Argentina!” ou “Grande Uruguai: legalizou a maconha!” etc.

Outro ponto interessante é notar que é o pensar confundente que está na base de inúmeras piadinhas brasileiras ordinárias de duplo sentido (explorando, por exemplo, o caráter confundente do verbo “dar”) e de tantas peças publicitárias (como, por exemplo, no antigo slogan: “Globo e você – tudo a ver”).

### **Na língua alemã: o confundente do amor**

Na metodologia filosófica que se volta para a linguagem, as distinções são importantes, como o requinte da diferença entre *espoir* e *espérance* no francês. refinamento que outras línguas não têm. Mas também o confundente é importante. O grande filósofo alemão Josef Pieper indica também o papel positivo da “confusão” na linguagem, que nos leva à “confusão” no pensamento e corresponde ao fato de que a própria realidade é, em muitos casos, “confundente” – sem sentido pejorativo (pelo contrário), mas no de “pensar conjuntamente”).

Quem quer que se pergunte, filosoficamente, “O que, em si e afinal, é o amor?” deve atentar não só para as muitas distinções (de formas de amor) de que as línguas grega, latina e neolatinas apresentam, mas para as possibilidades confundentes do alemão que não dispõe senão de um só (e confundente) substantivo: *Liebe*.

Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho, como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando por dificuldades; ou ainda para a atração mútua entre homem e mulher; ou a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto, dispomos de um único substantivo: *Liebe*. (...) Esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de não perder de vista aquilo que há de comum, de confundente entre todas as formas de amor<sup>2</sup>.

A partir dessa “confusão”, pôde Pieper chegar à caracterização fundamental do amor, comum a todas as formas expressas por diversos vocábulos em outras línguas. Trata-se do nível mais básico, o amor como **aprovação** de algo/alguém, ou, na genial formulação de Pieper, amar é dizer: “Que bom que você exista! Que maravilha que estejas no mundo!”

### **Nosso confundente “dever”**

Como regra geral, o português também tem muitas palavras confundentes. Especialmente o do Brasil, com nossa arraigada tendência ao genérico (não só nos remédios), à indeterminação, ao neutro, ao não comprometimento. Certa vez, dirigindo-me a um colega, vizinho de nosso prédio próximo ao Campus da Universidade, a quem frequentemente eu dava carona, perguntei: “- E aí, você vai à USP amanhã?”. Sua resposta foi simplesmente: “- Devo ir”. Assim, sem mais, o leitor e mesmo o interlocutor não têm a menor possibilidade de saber o que significa esse *devo*. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês? *Should, have to, supposed to, must, ought?*

Pois esse *devo* pode ser interpretado desde a absoluta e imperativa decisão de ir (“- devo ir, se não a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“- eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, mas aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O brasileiro, que não sabe dizer não, vale-se frequentemente do *dever* também neste sentido. Se alguém convida você para ir à formatura da sobrinha dele no ensino fundamental, a resposta “devo ir” é, evidentemente, uma forma educada que equivale de fato a um sonoro não.

Claro que se trata de um passo a mais na atitude neutra, tão frequente entre nós, que se instala em uma cômoda (para o falante, mas muito inconveniente para o interlocutor) indeterminação confundente, dispensando-se do grave peso de decidir... E não deixa de ser inquietante que tenhamos toda essa gama de significados em torno de um verbo tão fundamental como o *dever*.

### **Outro exemplo: nosso confundente verbo poder**

A mesma confusão acontece com o verbo *poder*. O Aurélio lhe atribui 15 possíveis significados; o Houaiss, 12.

Sobre as distinções do inglês, imperceptíveis para o imigrante polonês (e também para o português), há uma cena deliciosa no filme *Avalon*, escrito e dirigido por Barry Levinson.

---

<sup>2</sup>. PIEPER, Josef **Glauben, Hoffen, Lieben**. Freiburg: IBK, 1981, p.24.

O menino Michael (Elijah Wood), com seus 8 anos, está desatento na aula de Gramática na qual a professora está explicando a diferença entre *can* e *may*. O garoto levanta a mão e pergunta (erradamente) se pode (*can*) ir ao banheiro: “– *You can but you may not!*”, traduzido estranhamente por “– você pode mas não poderia” (!?). Sem entender, ele pensa que o problema estaria na polidez no modo de perguntar e acrescenta, “por favor”...

A professora o põe de castigo no corredor e, em dado momento, o diretor da escola passa pelo menino, toma conhecimento do caso e telefona para a família. Na ausência do pai, o avô Sam Krichinsky (Armin Mueller-Stahl) vai conversar com o diretor. Sam é um imigrante judeu-polonês e é incapaz de entender a distinção da língua inglesa, que tem (entre outros) um “pode - *can*” e outro “pode - *may*” e, no diálogo com o diretor, insiste em pensar que o problema era de polidez do pedido do neto. E desabafa (reclamando da confusão – *it is confusing* – o que, na realidade, é uma distinção do inglês): “– É confusão para o garoto, vocês dizem ‘you can’ e depois dizem ‘you can, but you can not’”. Até que o diretor desiste e diz: “– *I don’t think you appreciate the subtleties of the English language, Mr. Krichinsky*”.



O avô, voltando com o neto para casa, toma o seu partido, dizendo com seu forte sotaque: “– É..., o inglês é muito difícil, eu nunca tinha reparado como é tão difícil. Antigamente, se você tinha que mijar, mijava numa árvore, e não havia nada de ‘can’ ou ‘may’. É, é o progresso”.

E é que *poder*, na locução *posso fazer*, em português, concentra-se em uma única forma. Contudo, em inglês – como nota o filósofo Vilém Flusser –, é diversificado em *I may do, I can do, I am able to do, I am allowed to do*. Por exemplo: “– Você pode fazer uma cesta de três pontos, para eu ver?” “– Não posso...”, resposta que pode significar “– Não posso, pois agora estou ocupado...”, ou “– Não posso, você não vê que sou portador de deficiência e incapaz, sequer, de segurar a bola?”, ou “– Não posso, estou destreinado”, ou ainda “– Não posso, o técnico nos proibiu de arriscar esse tipo de lance”.

Nesse quadro, Flusser – em aguda intuição, que é também um convite ao diálogo filosófico mais profundo com esse autor – vê no *poder* em português (em contraste com o inglês e o alemão), um decisivo alcance metafísico: “(...) Poder e dever são conceitos ligados entre si, e tenho certeza de que um estudo fenomenológico das duas palavras esclarecerá fundamentalmente o sistema ontológico que suporta a língua portuguesa”<sup>3</sup>.

### **O neutro, mais do que gênero é indeterminação**

Para além das classificações gramaticais, o neutro – mais do que um gênero – é uma forma de pensamento (/linguagem) que puxa para a indeterminação, o abstrato, o confundente. Para começar, indicaremos brevemente alguns aspectos desse recurso do latim (e de outras línguas...), em diálogo com o português do Brasil, que, por sua cultura e mentalidade, reinventa informalmente o neutro.

O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso, ambos: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente.

As línguas que dispõem do neutro contam com uma ampliação de horizontes de pensamento, sem o qual dificulta-se o acesso direto a algumas regiões do real. E como se trata praticamente de uma necessidade, acabamos por improvisar recursos de linguagem para recuperar as possibilidades de pensar, proporcionadas por esse grande excluído de nossa gramática.

Engana-se quem, com o dicionário Aurélio, pensa que o neutro seja só, ou principalmente, um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

Neutro - gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos.

Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Na verdade, tipicamente o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino opõem-se ao neutro enquanto determinação, mais do que enquanto a “gênero” ou sexo. Santo Tomás de Aquino no-lo explica:

---

<sup>3</sup> FLUSSER, Vilém *Língua e realidade*, 3 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (I, 31, 2 ad 4).

O neutro como informe e indistinto, aponta não para o que diferencia, mas para a essência comum, o “genérico”, o confundente. O neutro é tanto mais neutro quanto mais suprime as determinações concretas e mais se instala no comum (sendo confundente e indeterminação, cabe falar em graus de neutro: é mais neutro o que for mais indeterminado).

Um esclarecedor exemplo: o neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “– Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (para efeitos de lotação de elevador, não interessam as determinações desse “sete”: não só as de gênero – homens/mulheres – , mas também outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”).

Nesse sentido, tendem ao neutro o sacolão (pouco importa se é alface, cenoura ou tomate: o preço é tanto), o restaurante por quilo, o voto na legenda etc. (e o próprio “etc.” é, também ele, neutro!).

Para os falantes de portunhol, é difícil a distinção entre os artigos masculino e neutro: *el* e *lo*. Se alguém diz: “*A mi me encanta el técnico*”, está dizendo que gosta de do Tite ou de um técnico concreto; já “*A mi me encanta lo técnico*”, expressa seu apreço por tudo o que diz respeito à tecnologia (em geral, indeterminado: o universo da técnica, tudo o que se refere à técnica).

Esse neutro, em nossa língua adjetivo substantivado, aparecia no célebre bordão do Zé Bonitinho, imortal personagem do saudoso Jorge Laredo: “O chato não é ser bonito, o chato é ser gostoso.”

Naturalmente, em todas as línguas, os cumprimentos e saudações tendem a ter forma muito ampla e genérica (já se disse que chato é aquele que você pergunta “– Como vai?” e ele explica), quando muito “descendo” para a saúde ou para a família, mas o inglês “– How do you **do**?” é maximamente neutro.

### **O neutro em algumas instâncias da existência**

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação uma das marcas registradas do brasileiro.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal essa faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (sempre inútil) insistência do forasteiro em marcar hora concreta, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “daqui a pouco”, ou mesmo “um minutinho...” etc.

O neutro, que em alguns casos é necessário; em outros, é puro comodismo e/ou desconsideração, ou até crueldade, para com o outro. Pensemos na vida de família. Quantas brigas de casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes

preferências de determinação dos cônjuges: a neutra resposta de um deles ao celular: “Calma, estou quase chegando!”, bem que poderia – queixa-se o outro – ser substituída por algo mais determinado, como “já estou na esquina da padaria” ou “no máximo, em 3 minutos de relógio eu chego aí”. Para quem o chama do térreo, sempre é muito mais amigável o elevador que informa no visor em que andar ele se encontra em cada momento (8,7...) do que os que são blindados em seu neutro “silêncio”.

Neutra também é a atitude do marido que atende o celular no carro e em vez de dizer logo (para compartilhar a informação): “– Ô, Fulano, como vai, que bom que você ligou...”, submete a esposa a um jogo de adivinhação: “– Como está você?” (neutro: não se sabe quem concretamente é este “você”, nem se é homem ou mulher...), “– Ah, sim, claro, tô nessa... [o neutríssimo “tô nessa”] etc. e a esposa fica sem saber se é o chefe, um parente, ou...

Neutra é a fala da esposa que diz: “– Um minutinho, estou quase pronta” em vez de “– Só falta o batom” (contra nosso neutro e elástico “um minutinho” – que podem ser 10 ou 20... – é preferível o pacificador “Três [ou 4, ou o que for] minutos de relógio [o famoso *o’ clock – of the clock* – britânico]”. Ou ainda o neutro do silêncio: a filha que fica digitando mensagem no celular durante o jantar e nem tem a delicadeza de dizer que a mensagem é para Fulana e é importante e urgente. Sempre a determinação possível – até para, como dissemos, o prosaico “vou ao banheiro”.

### **O neutro como manipulação e dominação**

Continuemos nossa reflexão, sempre lembrando que o neutro, aqui, não se refere a gênero, mas a indeterminação. Excluído, para nós aqui, está também o neutro no sentido de inerte, pois o neutro pode ser extremamente contundente.

Assim, um uso perigoso do indeterminado-neutro é o que se dá para a manipulação de militâncias, seguidores de seitas religiosas, ditadores ou de gurus em geral. O guru sempre tem razão, seja pela particular iluminação de Deus que recebe ou por ser tido por gênio (como Stalin, “o genial guia dos povos”).

O fanatismo encontra confirmação de que o guru tinha razão, mesmo quando ele erra clamorosamente. E é que as seitas se instalam em um sistema nebuloso, ambíguo, de indeterminação suficiente para que sempre caiba uma interpretação que confirma a infalibilidade das previsões ou ditames do guru. Para o seguidor fanático, o fato de as teses do chefe serem dúbias e mutáveis, ao sabor do oportunismo do momento, só lhes reforça a ferrenha adesão à **pessoa** do líder, consubstanciando-se no Fulanismo (stalinismo, franquismo, etc.) de cada caso.

Nesse sentido, durante a ditadura franquista, corria (à boca pequena) por toda a Espanha a incisiva piada do fiscal da vigilância sanitária:

Era uma vez o dono de alguns porcos que recebeu a indesejável visita de um fiscal de Franco. O fiscal lhe pergunta: “Como você alimenta os porcos?”. O dono responde: “Ora, eu dou a eles o que sobra da comida: restos de batatas, cascas de laranjas...”. O fiscal fica furioso: “O quê?! Como pode fazer tal coisa!? Alimentar com lixo os porcos que vão nutrir o heróico povo espanhol, vencedor do comunismo? Você está multado por ser um mau patriota!”.

No ano seguinte, o criador de porcos recebe de novo a visita do fiscal, que faz a mesma pergunta: “Como você



alimenta os porcos?”. Com medo de levar outra multa, o dono dos porcos responde: “Ah, eu os alimento com milho graúdo, cevada, pães fresquinhos...”. E o fiscal sobe nas tamancas: “O quê?! Como pode fazer tal coisa!? O heróico povo espanhol passando fome neste pós-guerra, e você alimentando os porcos com o que falta na mesa dos nossos compatriotas?”. E tasca-lhe outra multa. No ano seguinte, mais uma vez aparece o fiscal, que volta com a mesma e fatídica pergunta. Dessa feita, o pobre dono olha para o chiqueiro, olha para a cara do fiscal e, sem saber o que dizer, responde: “Senhor fiscal, eu dou vinte pesetas para cada porco e cada um deles que almoce onde bem entender!”.

Perdoada a jocosidade, outro exemplo. Em 1-1-19, o bispo Edir Macedo ungiu o presidente Jair Bolsonaro no Templo de Salomão. E profetizou: “[Eu e Bolsonaro] vivenciamos o inferno da mídia, mas eu estou aqui e o presidente está lá. Ele [Bolsonaro] vai arrebentar lá, não porque sou eu, não porque é ele, é porque é o espírito de Deus”. Mas vai que Bolsonaro acabe sendo um enorme desastre político, afundando o país, sempre o bispo poderá dizer: “– É uma pena, ele era o ungido do Senhor, mas não foi fiel a Deus e, portanto se arruinou” (ou ainda, no velho estilo de ambiguidade do oráculo de Delfos: “– Eu falei que Bolsonaro ia se arrebentar...”).



<https://vejasp.abril.com.br/cidades/edir-macedo-unge-bolsonaro-e-diz-que-presidente-vai-arrebentar/>

É o que Karl Popper chama de *immunisation*, formular as coisas de tal modo que quer ocorra X ou não-X, o guru neutro sempre terá razão. Esta atitude, para o caso de abuso religioso, é detalhadamente analisada na dissertação de mestrado de Marcio Fernandes da Silva: “Educar para a submissão: o caso Opus Dei”. (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-164337/pt-br.php>).

### A língua inglesa e o concreto

Em muitos aspectos, a língua inglesa puxa para o concreto e evita abstrações. Ao contrário do português, o inglês prefere o verbo em *-ing*, (de gerúndio, concreto, da ação) ao infinitivo. Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see*, *to hear*, *to overhear*, *to feel*... Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn't you hear the phone ringing?*. Caberia também a forma nua: *Didn't you hear the*

*phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn’t you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*; não se pode dizer: “*Didn’t you hear the phone to ring?*”. Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Se nós dizemos no manual de instruções “como fazer batata doce no micro ondas”, o inglês diz: “*microwaving sweet potatoes*”. E ainda me lembro de, aos meus 14 anos, achar intrigante o título da canção dos Beatles “All my loving” (... I will send to you). E é que se está enviando o ato concreto de estar amando. E, na aula, a teacher corrigia: “o certo é: *Would you mind speaking a little louder?*”

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

### **Ainda o brasileiro e o neutro**

Tinhamos já começado a falar do gosto do brasileiro pela indeterminação.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de fazer “média”, ficar em cima do muro: afinal, ninguém sabe o dia de amanhã e talvez num segundo turno venhamos a necessitar de um apoio do partido adversário... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Se a brasileira indeterminação do tempo realiza-se em grau máximo no baiano; a das formas, realiza-se no mineiro, que tem fama de não ser contra nem a favor; muito pelo contrário. Come quieto... e pelas bordas. Não dá bandeira<sup>4</sup>.

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) categórica, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições.

Pensem, por exemplo, nessa – incrível, para os estrangeiros! – instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo”

- É feriado?

---

<sup>4</sup> Daí a certa descrição de uma de nossas mais geniais piadas:

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro...e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

- É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!
- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?
- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!!

Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Neutro é o “jeito” – pode e não pode; dá e não dá; e se não der de jeito nenhum, talvez com um “jeitinho” (como, a enorme surpresa de um professor europeu, de carona com o colega brasileiro, quando este avisou: “ – Vou pegar esta travessa, é **meio** contra mão, mas tudo bem).

O neutro pelo plural. O plural indetermina. Daí que, nos pronomes demonstrativos em espanhol, o plural do masculino siga o neutro: *estos, esos* (em vez de *estes e esos*). E na língua inglesa, o plural é mesmo a forma de indeterminação: “diz-se” é “*They say...*”.

O neutro, banido da gramática, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, “para bom entendedor...”). Seguem-se alguns exemplos.

Sabemos que estamos diante de um neutro quando nos são negadas especificações. É o caso da – maliciosamente neutra – pergunta: “Nosso colega Fulano, qual é **a** dele?” Não há especificação desse “qual é a dele”, se se trata de atitude, postura, cosmovisão, posição política etc. E podemos aprofundar no neutro ainda mais quando em vez de “- Qual é a tua?”, perguntamos apenas: “- Qual é?”).

Neutra é também a afirmação – que, em geral, antecede alguma sentença crítica, venenosa ou ameaçadora – “Numa boa...”. Não se concretiza “numa, **o que**, boa? Os exemplos de neutro tupiniquim poderiam se multiplicar: “Pô, esse cara tem *cada uma*, ele chega aqui *na maior* e já vai aprontando *todas*; vê se você dá *uma dura* nele...” (“cada uma”, “na maior”, o quê? “aprontar – quais – todas?”). E se você exagerar ao dar “a dura”, eu - que afinal, diluí minha indicação de “dar uma dura” num leque tacitamente plural – posso me eximir da responsabilidade: “Nossa, você fez o cara ir parar no hospital; eu falei para dar uma dura, mas numa boa...”.

Já a gíria “dar uma geral” é neutra até significar opostos: tanto uma ação vaga e indeterminada (“Esse texto já foi revisado, você não precisa gastar mais do que 5 minutos na sua revisão: basta dar uma geral) quanto a ação minuciosa e detalhada (“Não, não, não aceito, quero tudinho no seu lugar: eu não falei para você dar uma arrumadinha no quarto, falei para você dar uma geral”).

### A maledicência pelo neutro

Falávamos da maledicência. Até para fritar alguém – um colega de trabalho ou conhecido comum ausente no momento – a agressão não pode ser direta. A melhor forma de instilar o veneno é pelo malicioso neutro, lançado por um dos da rodinha do *happy hour*:

“– O Fulano, qual é a dele, hein?”

Tecnicamente, não há aí nenhuma maldade: não houve referências a sua orientação sexual nem a seu comportamento na empresa, ninguém afirmou que ele é um puxa-saco nojento do chefe etc. Só uma “inocente” indagação genérica.

Ainda no neutro, outros vão ajuntando:

“– É, o Fulano...”

“– Eu, eu não sei não...”

“– O Fulano...; eu, hein?”

“– Olha, sem nenhum preconceito, vocês sabem que eu tenho o maior respeito pelo modo de ser de cada um...”

Até que alguém resolve começar a descer ao plano concreto, mas sob a proteção do confundente, da inversão semântica de palavras originalmente elogiosas.

“– Eu admiro a coragem e a criatividade que ele tem: puxar o pic pic no aniversário do chefe foi uma inovação marcante na firma...”

“– Essa foi demais, ele é ótimo. Para mim, nem a Carmen Miranda faria melhor”.

“– Pera aí, gente, aqueles trejeitos não querem dizer nada... Afinal, ele tinha bebido um pouquinho além da conta...” Etc.

### Neutro na literatura

O neutro serve também para o positivo e o negativo, ao mesmo tempo nenhum dos dois e ambos! É o caso de Cervantes no Quixote: entre loucura e cordura, entre sátira e panegírico, entre sério e brincadeira, entre sonho e realidade; a ironia que não é irônica ou o é porque acompanha a ironia da realidade. Cervantes, que sabe muito bem da fórmula do neutro, genialmente faz Sancho escrever que “*Don Quijote, mi amo, es un loco cuerdo*” (e poderíamos acrescentar, que Sancho é um *tonto-listo*...). Afinal a pobre Aldonza da aldeia não é, na realidade, também a “*princesa y gran señora*” Dulcinea del Toboso? Ninguém melhor do que a poeta Adélia Prado para, também ela, falar desse neutro, desse “ambos”, em um *plus* de visão da “realidade”:

“De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo”<sup>5</sup>.

Nesse sentido, está a ambiguidade da maravilhosa palavra espanhola “*ilusión*”, que ao contrário da meramente negativa portuguesa “ilusão”, comporta também uma dimensão positiva: daí a diferença entre *ilusionado* e *iluso*, *ilusorio*, *ilusivo*.

Nesse quadro, já se pode intuir imediatamente a imensa importância que o neutro terá para a metafísica e para a teologia. Não é por acaso que nossos autores mais metafísicos, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, tenham sua chave de interpretação mais profunda precisamente na confundência do neutro. O neutro é o grande tema (e em alguns casos até mesmo o personagem) dessa grande literatura brasileira. Neutro é a terceira margem, “perto e longe”: “nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte”. Neutro é o grande sertão: “o sertão é sem lugar”, “o sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena”, “o sertão é de noite”, “o sertão é uma espera enorme”, “aceita todos os nomes”, “sertão é o sozinho”, “Sertão: é dentro da gente”.

Neutro dos neutros é a busca, como suprema categoria e paixão metafísica, de Clarice *Introspector*. É o tema clariciano por excelência e mesmo o personagem de *A Paixão segundo G. H.*:

---

<sup>5</sup>. PRADO, Adélia **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 199)

Para o sal eu sempre estivera pronta, o sal era a transcendência que eu usava para sentir um gosto, e poder fugir do que eu chamava de ‘nada’. Para o sal eu estava pronta, para o sal eu toda me havia construído. Mas o que minha boca não saberia entender - era o insosso. O que eu toda não conhecia - era o neutro.

[...]

Estou tentando te dizer de como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim (...) O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas<sup>6</sup>.

Uma busca assombrosa, que termina com a mística perda da linguagem:

“Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.”

### **Papa Francisco e a “concretezza”**

*Concretezza* é uma deliciosa palavra italiana que se emprega quando se quer radicalmente evitar enrolações. No futebol, por exemplo, o torcedor reclama do time que “jogou bonito”, mas perdeu: “*Tanti fronzoli ma poca concretezza*” (muito babado, mas pouco resultado)

O Parlamento italiano aprovou, o presidente sancionou e está em vigor desde 7 de julho de 2019, a enérgica “*Legge Concretezza*”, a lei que quer efetivamente acabar com a enrolação e a ineficiência do serviço público (texto do Diário Oficial: [https://www.promopa.it/wp-content/uploads/2019/06/legge\\_56\\_2019\\_concretezza.pdf](https://www.promopa.it/wp-content/uploads/2019/06/legge_56_2019_concretezza.pdf)) Por exemplo, contra os funcionários fantasma, a lei impõe ponto digital (/leitor de íris etc.); contra o paletó na cadeira, câmeras de vídeo nas repartições, etc. etc.

O papa Francisco, mais preocupado com o bem da Igreja do que com as formalidades da “diplomacia vaticana” e da Cúria Romana (com seus quase dois mil anos é de longe a campeã mundial do neutro, da abstração e da afetação...), tem se empenhado pela *concretezza* (palavra que aparece com muita frequência em suas falas), e a isso o Papa deve boa parte do ódio que alguns setores da “ortodoxia católica” lhe devotam.

Decidido a acabar com os escândalos de pedofilia, ao abrir no Vaticano, em 21-2-19, o “Encontro sobre a proteção na igreja dos menores e adultos vulneráveis”, para o qual convocou todos os presidentes de Conferências Episcopais do mundo, já em sua primeiríssima fala foi logo dizendo que não iria aceitar a enrolação de sempre – declarações abstratas e genéricas de condenação –, mas exigia medidas concretas e eficazes: *Ci vuole concretezza!*<sup>7</sup>

*Cari fratelli, buongiorno!*

Confrontado com o flagelo dos abusos sexuais perpetrados por homens de Igreja contra menores, pensei

<sup>6</sup> LISPECTOR, Clarisse **A Paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro, Rocco, 199, p. 85, p. 100.

<sup>7</sup> O amor de Francisco pelo concreto é tanto, que uma vez pareceu-me claramente ouvi-lo a *sotto voce* deixar escapar um oportuno palavrão – daqueles que convocam a realidade concreta – em um imprevisto durante o discurso aos bispos do CELAM em Aparecida, 28-7-13.

em vos interpelar a vós, Patriarcas, Cardeais, Arcebispos, Bispos, Superiores Religiosos e Responsáveis, para que, todos juntos, nos coloquemos à escuta do Espírito Santo e, dóceis à sua guia, escutemos o grito dos menores que pedem justiça. Sobre o nosso encontro, grava o peso da responsabilidade pastoral e eclesial que nos obriga a dialogar conjuntamente, de forma sinodal, sincera e profunda sobre o modo como enfrentar este mal que aflige a Igreja e a humanidade. O santo Povo de Deus olha para nós e espera de nós, não meras e óbvias condenações, mas medidas concretas e eficazes a implementar. *Ci vuole concretezza.*

([http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco\\_20190221\\_incontro-protezioneminori-apertura.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190221_incontro-protezioneminori-apertura.html))

E no discurso aos participantes do Simpósio sobre “A teologia da ternura do Papa Francisco”, também já começou dizendo que uma teologia abstrata não é teologia, mas ideologia:

Teologia e ternura parecem duas palavras distantes: a primeira aparenta evocar o âmbito académico, a segunda as relações interpessoais. Na realidade a nossa fé une-as indissolúvelmente. Com efeito, a teologia não pode ser abstrata — se fosse abstrata seria ideologia — porque nasce de um conhecimento existencial, nasce do encontro com o Verbo feito carne! Por isso, a teologia está chamada a comunicar que Deus amor é **concreto**. E ternura é um bom “existencial concreto”, para traduzir para os nossos tempos o afeto que o Senhor sente por nós.

([http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco\\_20180913\\_convegno-tenerezza.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180913_convegno-tenerezza.html))

Como era de esperar, não lhe faltaram, dentro da própria igreja<sup>8</sup>, ferrenhos críticos evocando o velho adágio escolástico: *Abstrahentium non est mendacium* (ao abstrair não se mente), usado legitimamente na Escolástica para justificar os graus de abstração de ciências como a matemática e a metafísica. Mas a própria negação presente no adágio já recorda a suspeita (*qui s'excuse s'accuse*) de casos nos quais a abstração seja usada como ocultação da verdade, como mentira!

Muito obrigado.

Recebido para publicação em 15-09-19; aceito em 03-10-19

---

<sup>8</sup>. Por exemplo: <http://www.libertaepersona.org/wordpress/2018/09/teologia-astratta-e-teologia-morale/>